

ROSALI MARIA NUNES HENRIQUES



**O ENSINO DE ARTES VISUAIS PARA TERCEIRA IDADE:
uma experiência com a imagem da Mona Lisa**

Belo Horizonte
Escola de Belas Artes da UFMG
2015

ROSALI MARIA NUNES HENRIQUES

**O ENSINO DE ARTES VISUAIS PARA TERCEIRA IDADE:
uma experiência com a imagem da Mona Lisa**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais do Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientadora: Juliana Silveira Mafra

Belo Horizonte
Escola de Belas Artes da UFMG
2015

Henriques, Rosali Maria Nunes, 1966 -

O ensino de artes visuais para a terceira idade: uma experiência com a imagem da Mona Lisa: Especialização em Ensino de Artes Visuais / Rosali Maria Nunes Henriques. – 2015.

61 f.

Orientador(a): Juliana Silveira Mafra

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

1. Artes visuais – Estudo e ensino. I. Mafra, Juliana Silveira. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Belas Artes. III. Título.

CDD: 707



Universidade Federal de Minas Gerais
Escola de Belas Artes
Programa de Pós-Graduação em Artes
Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais

Monografia intitulada “*O ensino de artes visuais para a terceira idade: uma experiência com a imagem da Mona Lisa*”, de autoria de Rosali Maria Nunes Henriques, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Profa. M^a. Juliana Silveira Mafra - Orientadora

Profa. M^a. Melissa Etelvina Oliveira Rocha

Prof. Dr. Evandro José Lemos da Cunha
Coordenador do CEEAV
PPGA – EBA – UFMG

Belo Horizonte, 2015

Para Paulo: parceiro no amor e na vida

Para Théo: com amor e carinho

Aos meus alunos da FaMidade

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar gostaria de agradecer à UFMG, através da Escola de Belas Artes, pela oportunidade de concretizar uma especialização voltada para os estudos em ensino de artes visuais, me proporcionando um aprendizado de alto nível.

À minha orientadora Juliana Silveira Mafra, pela forma como me ajudou nos momentos cruciais da pesquisa.

Às tutoras Marcella e Carolina, pelo empenho e pela dedicação aos alunos do Polo de Juiz de Fora, eu gostaria de deixar uma palavra de carinho e de agradecimento.

À coordenação da FaMldade, na pessoa da Professora Ana Paula Sena Lomba Vasconcelos, o meu agradecimento pela oportunidade concedida e pelo apoio para a realização desse estudo de caso.

Aos meus alunos e alunas da terceira idade do Granbery, pelo carinho com que acolheram minha proposta e pela grande ajuda nos trabalhos desenvolvidos.

Aos colegas do curso de especialização, pela troca constante nas aulas e pelo elevado nível de discussão efetuado, tanto presencialmente como através da plataforma do curso.

À minha irmã Rogéria, parceira de curso e na vida, pelas discussões sobre o ensino de artes visuais no Brasil. E a minha irmã Rosália Henriques Huaira, pela ajuda no processamento dos questionários da pesquisa.

Por fim, mas não menos importante, gostaria de agradecer o apoio incontestável de minha família: do meu companheiro Paulo e de meu filho Théo, que se esforçaram para me ajudar no que fosse preciso.

Resumo

O público da terceira idade é a faixa etária que mais cresce no Brasil. E, ao longo das últimas décadas têm surgido muitos programas e cursos voltados para esse público específico. São cursos regulares ou não, mas que têm como objetivo promover atividades para pessoas com idade acima dos 60 anos. Algumas das atividades propostas são vivências artísticas, nas quais os idosos podem exercitar sua criatividade. O presente trabalho tem como objetivo analisar uma experiência de ensino de artes visuais para a terceira idade, dentro do programa FaMIdade, do Instituto Metodista Granbery, situado na cidade de Juiz de Fora. Através do aprendizado sobre história da arte e sobre o conceito de apropriação de obras de arte, os alunos da disciplina “Tópicos de Arte, Cultura e Museus” puderam vivenciar e experimentar o fazer artístico, através da manipulação da imagem da Mona Lisa e na confecção de um museu imaginário.

Palavras-chave: terceira idade, Mona Lisa, paródia, FaMIdade, ensino de artes visuais, museu imaginário

LISTA DE FIGURAS E GRÁFICOS

Gráficos

Gráfico 1 - Estado civil das turmas 5A/5B e 8A/8B	26
Gráfico 2 - Nível de escolaridade das turmas 5A/5B e 8A/8B	26
Gráfico 3 - Regiões de moradia dos alunos das turmas 5A/5B e 8A/8B	27
Gráfico 4 - Renda dos idosos das turmas 5A/5B e 8A/8B	28
Gráfico 5 - Aceitação da disciplina pelos alunos das turmas 5A/5B e 8A/8B	32

Figuras

Figura 1 - Quadro de porcentagem de idosos	15
Figura 2 - Concentração dos idosos nos bairros centrais de Juiz de Fora	15
Figura 3 - Trabalho de colagem da aluna Ivê	36
Figura 4 - Trabalho de colagem da aluna Gilda	37
Figura 5 - Trabalhos de colagem da aluna Meire	38
Figura 6 - Trabalho de colagem da aluna Zulma	38
Figura 7 - Trabalho de colagem da aluna Sônia	39
Figura 8 - Trabalho de colagem da aluna Geralda	40
Figura 9 - Trabalho de colagem da aluna Gilda	41
Figura 10 - Trabalho de colagem da aluna Jandira	42
Figura 11 - Trabalhos de colagem das alunas Alcione, Ivê, Geralda e Vânia	42
Figura 12 - Trabalho de colagem da aluna Sônia	43
Figura 13 - Trabalho de colagem da aluna Neusa	44
Figura 14 - Trabalho de colagem da aluna Ivone	45
Figura 15 - Trabalho de colagem da aluna Geralda Souza	45
Figura 16 - Reportagem em homenagem a Diogo Costa	47
Figura 17 - Museus imaginários de Maria dos Anjos, Maria das Dores e Marília	47
Figura 18 - Museus imaginários dos alunos Sebastião e Ivê	48
Figura 19 - Museus imaginários das alunas Alcione, Meire e Geralda	48
Figura 20 - Museu imaginário de Jandira	49
Figura 21 - Museu imaginário Lima Tinoco, da aluna Gilda	49
Figura 22 - Imagens da exposição dos trabalhos dos alunos	50

SUMÁRIO

Introdução	9
1. O ensino de artes visuais para idosos e releituras de obras de artes	13
1.1. A terceira idade em Juiz de Fora	13
1.2. O ensino de artes visuais para idosos	16
1.3. A Mona Lisa e suas paródias.....	18
2. Experimentando arte com a terceira idade.....	23
2.1. A FaMIldade e as atividades de artes visuais para idosos	23
2.2. Os idosos da FaMIldade.....	25
2.3. A disciplina “Tópicos de Arte, Cultura e Museus”	28
3. Experimentações em ensino de artes visuais	35
3.1. As paródias e releituras da Mona Lisa.....	35
3.2. Os museus imaginários e o imaginário sobre os museus.....	46
3.3. Resultado final: exposição com os trabalhos dos alunos.....	50
4. Considerações finais	51
5. Referências	54
6. Anexos	56

Introdução

O ensino das artes visuais nos propõe desafios constantes. E, importa muito mais a abordagem oferecida do que público atingido. Mas será que esse axioma é uma verdade? Para discutir questões como esta, nos propomos estudar o ensino de artes visuais para um público da terceira idade. Ao iniciarmos o curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais da EBA/UFMG tínhamos um interesse claro em trabalhar com as releituras de obra de arte na sala de aula. Nossa ideia era discutir o conceito de cópia e de paródia com alunos de uma determinada faixa etária em curso de artes visuais, regulares ou não. Ao longo do primeiro ano de curso, nosso interesse foi despertado para um público pouco estudado: a terceira idade. A razão da escolha do tema deve-se não somente à escassez de estudos sobre o ensino de arte para a terceira idade, mas também devido ao nosso interesse em experimentar uma vivência artística com esse público específico de alunos.

Este estudo tem como objetivo pesquisar e analisar o ensino das artes visuais, através de uma experiência com a imagem da Mona Lisa em um grupo de alunos da terceira idade. Trata-se de um estudo em ensino de artes visuais, no qual a experiência de oficinas de arte será analisada tendo como referencial teórico a abordagem triangular de Ana Mae Barbosa (2012). Ana Mae afirma que o ensino de artes visuais é formado por três ações: ler obras de arte, fazer arte e contextualizar arte. Ler leva ao questionamento e a busca do senso crítico dos alunos, o fazer traz o domínio da prática artística e o contextualizar possibilita relacionar o conteúdo da arte com outros conteúdos. Na experiência que propomos, os alunos conheceram, mas também vivenciaram o processo artístico, produzindo suas próprias reproduções da Mona Lisa. Ao estudar o ensino das artes visuais é necessário ter em conta uma diferenciação: a pesquisa sobre o ensino de artes visuais e a pesquisa em ensino de artes visuais. Na pesquisa sobre o ensino de artes visuais, o pesquisador tem como objeto de estudo o ensino da arte, contextualizando metodologicamente. Nesse caso, o pesquisador é um observador do processo. Na pesquisa em ensino de

arte, ele é parte integrante do processo de pesquisa, utilizando suas próprias experiências do processo de ensino-aprendizagem como fonte de pesquisa.

Propomos nesse estudo analisar o processo de ensino de arte para a terceira idade dentro de uma disciplina do programa de atividades para a terceira idade do Instituto Metodista Granbery denominado FaMldade. Na disciplina “Tópicos de Arte, Cultura e Museus” trabalhamos o conceito de releituras de obra de arte e oferecemos conteúdos teóricos sobre história da arte. Para este estudo fizemos dois recortes metodológicos: pelo público a ser estudado: duas turmas de alunos da FaMldade do Instituto Granbery, e ao mesmo tempo, um recorte temático, pois iremos trabalhar com o conceito de releituras em arte através das reproduções da Mona Lisa.

Na disciplina “Tópicos de Arte, Cultura e Museus” os alunos tomam contato com conteúdos sobre a história da arte, mas também vivenciam o fazer artístico, pois como nos alerta Ana Mae Barbosa (2012) é preciso vivenciar o processo artístico. Dentro do conteúdo programático da disciplina que foi desenvolvida no primeiro semestre de 2015 com duas turmas, tivemos duas aulas onde focamos no objetivo do nosso estudo: a imagem da Mona Lisa. Nessas duas aulas, os alunos aprenderam conceitos com apropriação¹, paródia e cópia em artes plásticas. Eles tomaram contato com as releituras da Mona Lisa, efetuadas por Duchamp e outros artistas e aprenderam a manipular as imagens dessa obra de arte. Durante o processo de aula, utilizamos um caderno de campo onde anotamos as questões levantadas pelos alunos, o vivenciar deles nas atividades e o processo como um todo. Com base nas anotações dos cadernos de campos das turmas, analisamos o processo de ensino-aprendizagem efetuado na disciplina, comparando os resultados das duas turmas. Além disso, as intervenções artísticas realizadas pelos alunos nos serviram de matéria prima para analisar o processo do fazer artístico. A pesquisa contemplou um escopo metodológico baseado em três eixos: o ensino de arte, o ensino de arte para grupos de terceira idade e os conceitos de releitura em obra de arte.

¹ Segundo Ana Mae Barbosa (2005) apropriação é dar significado, reinterpretar, recriar o objeto, criação com base em um referencial.

E por que a escolha desse público-alvo? A razão da escolha do público deve-se em primeiro lugar ao acesso, uma vez que já lecionávamos a disciplina “Vivências de Memórias”, na FaMLdade e a proposta da disciplina “Tópicos de Arte, Cultura e Museus” foi aceita pela coordenação do curso. Além disso, desenvolvemos um trabalho com vivências de memória há mais de 16 anos, tendo trabalhado no Museu da Pessoa em São Paulo e em Juiz de Fora. E esse trabalho de vivências de memórias, efetuado na sua maioria com idosos, nos despertou para o interesse em trabalhar com essa faixa de público. Os idosos são um público excepcional, pois são atentos, têm interesse no aprendizado de novas tecnologias e estão abertos às novas abordagens. E, o campo das artes visuais é um campo muito rico para trabalhar as ansiedades de aprendizagem da terceira idade. Como não são alunos de cursos regulares onde a frequência e a avaliação são necessárias, a terceira idade está aberta a novas abordagens de ensino-aprendizagem. Nesse caso, o que se busca não é saber se o aluno aprendeu determinado conteúdo ou não, mas que ele possa vivenciar o conhecimento.

Para a execução da pesquisa trabalhamos em duas linhas metodológicas: a primeira trata das discussões teóricas que o tema suscita e a segunda diz respeito aos procedimentos metodológicos de aplicação do objeto empírico da pesquisa. No primeiro momento foi realizado um levantamento bibliográfico sobre o ensino de arte visuais, sobre o ensino de artes visuais para terceira idade e sobre questões teóricas sobre releituras na arte e da Mona Lisa.

A partir do quadro conceitual traçado na primeira etapa de estudos, aplicamos técnicas de colagem em oficina para os alunos. Era nosso interesse descobrir como os alunos da terceira idade poderiam trabalhar com releituras de obra de arte, reproduzindo imagens manipuladas da Mona Lisa. Após a finalização das oficinas, aplicamos um questionário de avaliação das mesmas, com o objetivo de apurar questionamentos e aprendizados realizados na atividade. Em seguida, analisamos os resultados dos trabalhos desenvolvidos e os questionários recebidos.

No primeiro capítulo analisamos o ensino de artes visuais para a terceira idade, tendo como premissa a abordagem triangular proposta por Ana Mae Barbosa (2012). Nesse capítulo é possível conhecer um pouco mais sobre o ensino das artes nesse público específico, além de entender o universo da terceira idade na cidade de Juiz de Fora.

O foco do segundo capítulo é a apresentação do trabalho desenvolvido com os alunos de duas turmas da FaMIdade no primeiro semestre de 2015. Além disso, analisamos a formação da FaMIdade, o trabalho que esse programa desenvolve com o público da terceira idade de Juiz de Fora e como as atividades de artes foram realizadas nas turmas escolhidas.

Por fim, no terceiro capítulo analisamos os trabalhos produzidos pelos alunos durante a disciplina “Tópicos de Arte, Cultura e Museus”. A análise não se restringe aos trabalhos realizados em sala de aula, mas às produções dos alunos com imagens da Mona Lisa e os museus imaginários realizados em casa. Com base no que discutimos no primeiro capítulo e na experiência relatado no segundo, iremos analisar as produções dos alunos e as questões que o ensino de arte para a terceira idade suscitam.

1. O ensino de artes visuais para idosos e releituras de obras de artes visuais

Este capítulo tem como objetivo apresentar um panorama sobre o ensino de artes visuais em um grupo específico: a terceira idade. Em primeiro lugar, iremos verificar como o aumento do contingente dessa faixa etária tem modificado a pirâmide populacional do Brasil. Além disso, veremos como os idosos interagem com processos de ensino-aprendizagem em cursos de ensino de artes visuais. E, por fim, nos debruçaremos sobre a questão das releituras de obras de arte na produção de paródias. Não é intenção esgotar o assunto, mas lançar luzes sobre os temas escolhidos: o ensino de arte para terceira idade e as releituras da Mona Lisa.

1.1. A terceira idade em Juiz de Fora

A terceira idade é um grupo que mais cresce em nosso país. O Brasil apresenta hoje uma pirâmide populacional bem diferente de outras épocas, na qual a maior concentração da população estava entre as camadas mais jovens. Desde os anos 90 do século XX que a base da pirâmide populacional brasileira, que era mais alargada, onde se concentra a população composta pelas crianças, está diminuindo em relação ao topo, onde se concentram os idosos. Segundo os dados coletados pelo IBGE no censo de 2010, o número de idosos no Brasil está em torno de 23,5 milhões de pessoas, o dobro registrado em 1991². Este crescimento deve-se ao aumento da expectativa de vida, resultado da melhora da qualidade de vida: mais exercícios, melhor alimentação e mais cuidado com a saúde. O Brasil aproxima-se cada vez mais dos países desenvolvidos que apresentam pirâmides populacionais com um número maior de idosos em relação à base da mesma, composta pelas crianças. Essa é uma tendência de crescimento verificada nas últimas décadas e que deverá se manter ao longo das próximas. E, esses idosos, que já

² Número de idosos dobrou nos últimos 20 anos no Brasil, aponta IBGE. Site UOL. Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2012/09/21/numero-de-idosos-com-mais-de-60-anos-dobrou-nos-ultimos-20-anos-aponta-ibge.htm> Acesso em 21/06/2015.

deixaram o mercado de trabalho, necessitam de se manterem na ativa, fazendo atividades físicas ou participando de eventos culturais. Torna-se evidente a necessidade de criação de programas que desenvolvam atividades para esse grupo específico. Nesse sentido, há uma tendência de crescimento dos programas para idosos, muito deles desenvolvidos por instituições públicas, mas também por entidades privadas³.

A criação de universidades da terceira idade no Brasil, segundo Arruda (2007) se inspiraram em dois modelos: o francês e o inglês. O modelo francês pressupõe maior liberdade de escolhas para o aluno, possibilitando interação com disciplinas isoladas, enquanto que no modelo inglês há uma maior rigidez nas disciplinas, tendo uma proximidade maior com o sistema clássico de ensino, organizando os idosos por turmas. Mas do que se trata realmente uma universidade da terceira idade? Segundo o *Dicionário interativo da educação brasileira*, universidade aberta à terceira idade é

[...] denominação oficial do programa com cursos de atualização oferecidos pelas universidades à população mais idosa, também chamado de universidade da terceira idade, faculdade livre da idade adulta ou universidade da maturidade; a faixa etária dos alunos varia entre 40 e 80 anos e ao longo do curso não há provas e trabalhos obrigatórios; os preços e a periodicidade variam muito segundo a instituição, em geral, as aulas acontecem de duas a três vezes por semana no período da tarde; para ingressar nessas universidades não é preciso prestar vestibular e apresentar diploma de primeiro ou segundo grau. (*apud* ARRUDA, 2007, p. 104).

O número de idosos moradores na cidade de Juiz de Fora é maior do que a média nacional, atualmente em 10% da população total⁴. De acordo com os dados do censo de 2010, divulgado pelo IBGE, a cidade de Juiz de Fora possui 13,6% da sua população de idosos, sendo a terceira cidade no país com esse percentual, em cidades com população acima de 500 mil habitantes. Muitas dessas pessoas são oriundas de Juiz de Fora, mas na sua maioria nasceram

³ Segundo ORDONEZ; COCHIONI (2009) as primeiras universidades da terceira idade foram criadas na França nos meados da década de 1960. E a primeira iniciativa brasileira de escolas abertas para Terceira Idade foi efetuada no SESC/SP, na década de 1970.

⁴ Como envelhecer em Juiz de Fora. Tribuna de Minas. Disponível em: <http://www.tribunademinas.com.br/como-e-envelhecer-em-juiz-de-fora/> Acesso em 12/08/2015.

em outras cidades de Minas Gerais, principalmente da Zona da Mata, ou em outros estados e que foram atraídas pela qualidade de vida da cidade.

Figura 1 - Quadro de porcentagem de idosos no Brasil, em cidades com mais de 500 mil habitantes

CONFIRA

Percentual de idosos em municípios com mais de 500 mil habitantes

1	Porto Alegre (RS)	211.896	15%
2	Rio de Janeiro (RJ)	940.851	14,9%
3	JUIZ DE FORA (MG)	70.288	13,6%
4	Santo André (SP)	91.516	13,5%
5	Londrina (PR)	64.476	12,7%
6	Belo Horizonte (MG)	299.572	12,6%
7	Ribeirão Preto (SP)	76.272	12,6%
8	Campinas (SP)	133.801	12,4%
9	São Gonçalo (RJ)	120.284	12%
10	São Paulo (SP)	1.338.138	11,9%
População idosa no Brasil		20.590.597	10,8%

Fonte: Censo 2010/IBGE

fonte: www.tribunademinas.com.br

Segundo os dados da pesquisa do IBGE, a concentração maior dos idosos é na região central da cidade, tendo no centro um percentual de 26%, e nos bairros Santa Helena, Santa Catarina e Alto dos Passos porcentagens acima dos 20%.

Figura 2 Concentração da população idosa nos bairros centrais de Juiz de Fora⁵.

POPULAÇÃO IDOSA EM JF

70.288
13,6%

Bairros com maior percentual de idosos

Centro	5.392	26%
Santa Helena	1.388	23,1%
Santa Catarina	404	22,3%
Alto dos Passos	1.065	21,9%
Mariano Procópio	458	21%
Manoel Honório	1.361	21%
Bom Pastor	1.378	20,4%
São Mateus	3.938	20,1%

Fonte: Censo 2010/IBGE

Fonte: www.tribunademinas.com.br

⁵ Matéria de Bárbara Riolino para o Jornal Tribuna de Minas. *Centro e São Mateus têm mais idosos.* Jornal Tribuna de Minas. 26/08/2015. Disponível em <http://www.tribunademinas.com.br/centro-e-sao-mateus-tem-mais-idosos/> Acesso em 08/09/2015.

Em Juiz de Fora, cidade que escolhemos para nosso estudo, há diversos programas para idosos: o Pró-Idoso, ligado à AMAC (Prefeitura Municipal); o Polo de Enriquecimento Cultural para a Terceira Idade da Universidade Federal de Juiz de Fora; programas realizados pelo Sesc/MG e a FaMIldade, universidade da terceira idade do Instituto Metodista Granbery. Além desses grupos institucionais mencionados acima, há pelo menos cinco grupos informais voltados para a terceira idade. Tais grupos são formados, na sua maioria, por senhoras e promovem palestras semanais, ministradas por especialistas em vários assuntos, escolhidos por elas dentro do interesse do grupo naquele momento. O objetivo desse tipo de grupo é mantê-las mentalmente ativas e ao mesmo tempo criar vínculos de sociabilidade com o grupo.

1.2. O ensino de artes visuais para terceira idade

Embora haja uma escassez de estudos sobre o ensino de artes visuais para um grupo específico como o da terceira idade, sabemos que existem vários projetos de universidades de terceira idade ou grupos que trabalham as questões das artes visuais para os idosos. Podemos apontar como uma especificidade do tipo de ensino a questão da não regularidade. Diferentemente de crianças e adolescentes que possuem disciplinas de arte em seus currículos escolares, os idosos não frequentam cursos regulares nos quais disciplinas de arte são ministradas. O que vemos, normalmente, são projetos com a terceira idade, com atividades ligadas a algum tipo de artesanato, tais como cursos de tapeçaria, tricô ou pintura em tecido.

Podemos apontar algumas questões específicas para esse tipo de público no que tange ao ensino de artes visuais. A primeira dela diz respeito à continuidade de ensino que é comprometida nesse tipo de projeto, carecendo muitas vezes de uma regularidade, pois elas não estão dentro de um programa continuado de estudos. Normalmente são cursos avulsos, ligados a uma

temática específica, tais como artesanato ou algo do gênero. E, muitas vezes é atribuído um caráter terapêutico a esse tipo de atividade. Além disso, podemos apontar como uma característica do ensino de artes visuais para a terceira idade a questão da forma como os educadores encaram o desafio de ensinar para pessoas idosas. Normalmente os educadores desse tipo de atividades tendem a infantilizá-los, como se os idosos não tivessem capacidade para produzir arte de qualidade, relegando-os apenas à produção de artesanato.

Quando trabalhamos com a terceira idade, assim como qualquer faixa etária, devemos ter em conta o conceito de mediação. O professor é o mediador do processo ensino-aprendizagem, mas os alunos também fazem parte desse processo. Segundo Miriam Celeste Martins (2012), o termo mediação pressupõe uma intervenção, uma intermediação.

Mas, a mediação ganha hoje um caráter rizomático, isto é, num sistema de inter-relações fecundas e complexas que se irradiam entre o objeto do conhecimento, o aprendiz, o professor/monitor/mediador, a cultura, a história, o artista, a instituição cultural, a escola, a manifestação artística, os modos de divulgação, as especificidades dos códigos, materialidades e suportes de cada linguagem artística... (MARTINS, 2012, p. 60)

A mediação no ensino de artes visuais, tendo em conta a abordagem triangular proposta por Ana Mae Barbosa (2012), resulta em ações que o educador empreende com seus alunos com vista a fazê-los conhecer e vivenciar as artes visuais. E no caso do ensino de artes visuais para a terceira idade não é muito diferente. No caso de um curso de história da arte como foi o objeto desse estudo, é preciso que os idosos não só tenham acesso às obras de arte de grandes artistas, mas que eles possam vivenciar o fazer artístico. Dentro das possibilidades de ensino de artes visuais é importante que os alunos tenham conhecimento da história dos movimentos artísticos, tenham contato com obras de grandes artistas e discuta o próprio conceito de arte. Ana Mae Barbosa (2014, p. 40) afirma que “a história da arte não pode estar separada daquilo que chamávamos de leitura da obra de arte.” E que:

O que a arte/educação contemporânea pretende é formar o conhecedor, fruidor, decodificador da obra de arte. Uma sociedade só é artisticamente desenvolvida quando ao lado

de uma produção artística de alta qualidade há também uma alta capacidade de entendimento desta produção pelo público. (BARBOSA, 2014, p. 33)

Dessa forma, os cursos de ensino de artes visuais para idosos deverão proporcionar uma vivência na produção artística, mas também incentivar o conhecimento da história da arte, produzindo leituras a partir do conhecimento adquirido na sala de aula.

1.3. A Mona Lisa e suas paródias

Mas por que escolher o tema de releitura de obras de arte e o porquê da escolha da Mona Lisa? A Mona Lisa foi e é exaustivamente copiada, parodiada e modificada ao longo de sua existência⁶. A obra de arte **L.H.O.O.Q.**, por exemplo, de Marcel Duchamp é uma de suas releituras efetuada em 1919. Marcel Duchamp embora não tenha sido o primeiro artista a brincar com a imagem da Mona Lisa (Eugène Bataille fez uma brincadeira com ela na revista *Rire*, em 1888), sua intervenção é a que mais teve destaque no mundo das artes. Mas por que a Mona Lisa? A Mona Lisa, pintada por Leonardo da Vinci entre os anos 1503/1506 é a obra de arte mais icônica de nossa época. Ao propor uma interferência na Mona Lisa, Duchamp questionou todos os paradigmas sobre o que é arte e o que não é arte, cometendo uma espécie de sacrilégio com uma obra de arte ocidental.

Andy Warhol, artista do pop-art americano, também foi um dos artistas que quis dessacralizar a Mona Lisa. A Arte Pop foi um movimento surgido no final dos anos 50 do século XX e que possuía forte influência dos movimentos culturais do período. Definida como uma arte popular, transitória e consumível, a Pop Art trabalhava as cores de forma saturada e tinha forte influência da cultura pop, dos quadrinhos e da publicidade. Os artistas trabalhavam, em sua maioria, com

⁶ A Mona Lisa é a imagem mais manipulada e postada no site de imagens Pinterest. As paródias tendo como base a Mona Lisa dominam esse site de imagens. Em meu perfil contabilizo atualmente mais de 400 “paródias” da Mona Lisa. www.pinterest.com/rosalih

colagem e serigrafia. Andy Warhol destacou-se por transformar ícones da publicidade, tais como Sopa Campbell's e Coca-Cola e pessoas, tais como Marilyn Monroe e Mao Tsé Tung em obras de arte. A replicação da mesma imagem, saturada de diferentes cores é a marca registrada do seu trabalho. E, é claro que ele não se furtou a manipular também a imagem da Mona Lisa, reproduzindo-a e colorindo-a várias vezes.

Outros artistas também fizeram releituras da Mona Lisa. Salvador Dali, por exemplo. Mas por que as duas intervenções de Duchamp e Warhol são tão significativas? Em primeiro lugar porque elas questionam a aura da Mona Lisa. Duchamp utiliza uma obra de arte para questionar a própria concepção de arte, carro chefe do movimento Dadaísta e Warhol apropria-se da imagem da Mona Lisa para discutir o processo de reprodução de um ícone. Ao contrário de Duchamp que estava interessado em questionar o conceito e os paradigmas do objeto artístico, Warhol quer massificá-la, torná-la um objeto de consumo para qualquer pessoa. Em segundo lugar, porque tanto Duchamp quanto Warhol são artistas provocativos, que usaram suas obras para instigar o público, quase como um manifesto artístico. Ao utilizar a Mona Lisa, ambos passam a ideia de que nenhuma obra de arte é intocável.

Walter Benjamin discute em seus textos sobre a perda da aura da obra de arte. Para Benjamin (1994, p. 168), "O conceito de aura permite resumir essas características: o que se atrofia na era da reprodutibilidade técnica da obra de arte é a sua aura. Esse processo é sintomático, e sua significação vai muito além da esfera da arte". Benjamin desloca a técnica da reprodução do domínio da tradição. Para ele, as obras sempre foram copiadas, mesmo durante sua produção, mas que reprodução técnica como a fotografia, por exemplo, trouxe uma nova característica a essa reprodução: a reprodução em série. Obviamente, a popularização da obra de arte pode vir trazer, como afirma Benjamin, uma perda de sua aura, de objeto intocável. No entanto, podemos afirmar que essa reprodução exaustiva da imagem não é condição *sine qua non* para a perda da aura. Tomemos como exemplo o quadro da Mona Lisa. Embora seja exaustivamente copiada, manipulada, parodiada, a Mona Lisa ainda possui uma aura que faz com que ela fique isolada de outras obras no

Museu do Louvre tal o fetiche que produz nas pessoas que vão admirá-la no Louvre.

Walter Benjamin (1984) afirmava que a reprodução sempre foi possível, mas que ao ser reproduzida a obra de arte perderia a sua aura, “o seu fundamento teológico”, aquilo que a faz ser venerada pelas pessoas. Mas o que é aura? Segundo Benjamin, a aura é a autenticidade, o caráter único de uma determinada obra, é o que a faz ser o que é, “é uma figura singular, composta de elementos temporais: a aparição única de uma coisa distante, por mais perto que ela esteja” (BENJAMIN, 1984, p. 170). Ao profanar a obra-prima de Da Vinci, Marcel Duchamp e Andy Warhol nos proporcionaram oportunidade de desmistificar a Mona Lisa. Dessa forma, podemos obter uma nova leitura sobre uma imagem, mas também massificando-a de forma a ser mais conhecida do que ela já é. A perda da aura não é necessariamente uma coisa ruim, uma vez que a reprodução permite a disseminação e a disseminação leva ao conhecimento. Assim, diz Benjamin (1984, p. 173): “À medida que as obras de arte se emancipam do seu uso ritual, aumentam as ocasiões para que elas sejam expostas.” Para Benjamin, a arte contemporânea será mais eficaz quanto mais se deslocar do centro da obra original e permitir a reprodutibilidade. E hoje, qualquer pessoa que domine os conceitos básicos de manipulação de imagens através de *softwares* pode interferir na imagem da Mona Lisa. Uma prova disso são as centenas de reproduções da Mona Lisa que podemos encontrar no Pinterest. Ao profanar a obra-prima de Da Vinci, Marcel Duchamp e Andy Warhol e outros tantos nos proporcionaram oportunidade de desmistificar a Mona Lisa.

Em relação à questão da cópia ou releitura da obra de arte, podemos verificar que essa é uma questão que ultrapassa o simples processo de copiar. Quando Botero ou Dali, por exemplo, fazem releituras da Mona Lisa, o que eles querem é apresentar a sua própria versão dessa obra de arte. Não há intenção do plágio, mas da paródia. Analice Dutra Pilar (*apud* BARBOSA, 2014, p. XXIX) aponta que há uma diferenciação significativa entre cópia e releitura. “A cópia diz respeito ao aprimoramento técnico, sem transformação, sem interpretação. Já na releitura há transformação, interpretação, criação com base num

referencial, num texto que pode estar explícito ou implícito na obra final.” Assim, o que se propõe nas atividades propostas aos alunos da terceira idade era a produção de uma releitura da obra de arte e não uma cópia da mesma.

Ao trabalharmos com os conceitos de releitura em obra de arte, não podemos deixar de levar em conta as discussões sobre os caminhos da arte contemporânea. Em seu livro “Arte Contemporânea”, Michael Archer (2000) traça um histórico da trajetória da arte contemporânea. Partindo de uma concepção da arte contemporânea baseada em critérios temporais, Archer afirma que até os anos 60 do século XX, a arte podia ser pensada apenas em termos de pintura e escultura. No entanto, ele mesmo afirma que os *readymades* de Marcel Duchamp trouxeram para a arte contemporânea a palavra *assemblage*, ou seja algo que não é pintura e nem escultura muito antes da arte contemporânea receber essa designação. Esses artistas, segundo Archer, ao produzirem obras com objetos do cotidiano acabam por associar a arte a algo maior do que a própria arte, produzindo uma arte que não se encontra dissociada do seu dia a dia.

Archer discute o campo expandido da arte contemporânea, no qual a arte conceitual, a arte pela arte torna-se o centro da produção artística. Segundo Archer:

A Arte conceitual propunha que as imagens podem ser reconhecidas como análogas à linguagem: uma obra de arte pode ser lida. O inverso é igualmente verdadeiro: as palavras podem funcionar de um modo análogo ao da imagem. (ARCHER, 2000, p. 87)

Desse modo, Archer considera a arte contemporânea um divisor de águas na forma como a arte é produzida e reproduzida. A arte passa primeiramente a ser conceitualmente produzida, antes de ser executada fisicamente. O artista torna-se um produtor cultural, muito mais do que alguém com habilidades manuais. Ele aponta também a organização dos artistas em grupos e/ou coletivos como uma marca da arte contemporânea.

Os artistas, tradicionalmente vistos como individualistas avessos às associações, começaram a organizar-se em

grupos de pressão que levavam adiante a ideia predominante no Conceitualismo de que era de responsabilidade do artista tanto estabelecer o contexto para a sua obra quanto fazer a própria obra. (ARCHER, 2000, p. 118)

Para Archer, observar uma obra não é consumi-la passivamente, pois “A arte é um encontro contínuo e reflexivo com mundo em que a obra de arte, longe de ser o ponto final desse processo, age como iniciador e ponto central da subsequente investigação do significado” (ARCHER, 2000, p. 136). Assim, a arte torna-se, na verdade, um disparador de um processo reflexivo sobre o próprio sentido da vida. Dessa forma, manipular as obras de arte mundial, como a Mona Lisa, traz um componente a mais para a discussão sobre a sacralidade da obra de arte. Ao parodiar a Mona Lisa os alunos estão produzindo uma reflexão sobre o processo artístico, mas também entendendo a arte como algo acessível a qualquer pessoa. A ideia de desmistificar a Mona Lisa passa, então, pela possibilidade de desmistificar o próprio processo artístico.

2. Experimentando arte com a terceira idade

O objetivo desse capítulo é apresentar questões metodológicas sobre os trabalhos desenvolvidos com duas turmas da FaMidade nas aulas de história da arte. Em primeiro lugar iremos traçar um perfil desse projeto de ensino para terceira idade e como a FaMidade tem lidado com as expectativas dos idosos em relação ao ensino das artes visuais. Depois iremos discorrer sobre o perfil dos alunos das turmas 5A/5B e 8A/8B, envolvidos na experiência. Em seguida, apresentaremos as atividades realizadas ao longo do primeiro semestre de 2015, durante as oficinas de colagem com imagens da Mona Lisa, nas aulas da disciplina “Tópicos de Arte, Cultura e Museus”, apresentando as especificidades de cada turma.

2.1. A FaMidade e as atividades de artes visuais para idosos

A FaMidade - Faculdade Aberta “A Melhor Idade” é um programa do Instituto Metodista Granbery⁷ destinado ao público acima de 55 anos⁸. O programa está organizado em três módulos: promoção da saúde; linguagens e tecnologias; cultura, arte e lazer. O projeto piloto de criação da FaMidade teve início em 2006 a partir de uma experiência de colônia de férias para idosos. Em 2009 surgiu a ideia de realizar encontros semanais com idosos oferecendo atividades físicas no espaço do Centro de Esportes (CEFE) da instituição. Em 2011 foi criada a FaMidade com o objetivo de oferecer atividades físicas e culturais para idosos. Inicialmente o grupo era formado por 150 idosos e atualmente conta com cerca de 300 idosos. O objetivo das atividades oferecidas aos idosos é fazê-los se sentirem ativos, tanto fisicamente, quanto mentalmente. Para isso, são oferecidas disciplinas de diversas atividades físicas tais como pilates, dança, hidroginástica, musculação e também

⁷ O Instituto Metodista Granbery é uma instituição de ensino privada fundada em 1889 por missionários metodistas americanos na cidade de Juiz de Fora, no bairro atualmente denominado Granbery. Possui todos os níveis de ensino: da educação infantil à pós-graduação. www.granbery.edu.br.

⁸ O termo Terceira Idade é empregado para a faixa etária que varia entre os 60 e 65 anos. A FaMidade decidiu trabalhar com o público acima dos 55 anos de idade.

atividades culturais, tais como Dança, Viva Leitura, Vivências de Memória, Vida na Maturidade, Tópicos de Arte, Cultura e Museus, etc, além de laboratórios de inglês e de ensino de informática.

A estruturação dos cursos na FaMldade foi inspirada em faculdades de terceira idade baseadas no modelo inglês que, conforme vimos anteriormente, organiza os alunos por turma, em semestres letivos. Diferentemente do modelo francês com cursos avulsos, o modelo inglês traz uma dinâmica muito próxima aos cursos ministrados nas universidades tradicionais. A FaMldade está estruturada a partir da seguinte dinâmica: organização por turmas, atualmente em torno de oito, e com aulas duas vezes por semana. Uma parte das turmas têm aulas nas terças e quintas no horário das 8h00 às 11h00 com um intervalo entre 9h20 e 9h45. E, o restante das turmas têm aulas nas quartas e sextas nos mesmos horários dos outros dias. Às segundas-feiras a FaMldade funciona apenas para expediente de secretaria. A cada semestre são oferecidas duas disciplinas de atividades físicas e duas disciplinas teóricas diferentes para cada turma. Normalmente as turmas têm uma aula teórica e uma aula de atividade física no mesmo dia e no outro dia, troca-se a sequência: uma aula de atividade física e depois uma aula teórica. As disciplinas teóricas estão estruturadas de forma a capacitar os alunos em assuntos de caráter cultural, cuidados com a saúde, dicas de economia, disciplinas ligadas à memória e à literatura. Em busca de oferecer sempre algo novo para a terceira idade, a coordenação da FaMldade vem renovando sempre o leque das disciplinas oferecidas a cada semestre e também convidando professores externos para ofertar novas disciplinas.

As disciplinas de atividades ligadas às artes visuais realizadas na FaMldade sempre foram voltadas para a experimentação de atividades artísticas pelos idosos. Todas as experiências realizadas priorizaram o fazer artístico, em detrimento a algum conhecimento teórico sobre arte. Por isso, a ideia da disciplina “Tópicos em Arte, Cultura e Museus” foi realizar uma experiência diferenciada em ensino de artes visuais. Com base na abordagem triangular de Ana Mae Barbosa (2012), propomos uma disciplina que aliasse conhecimentos

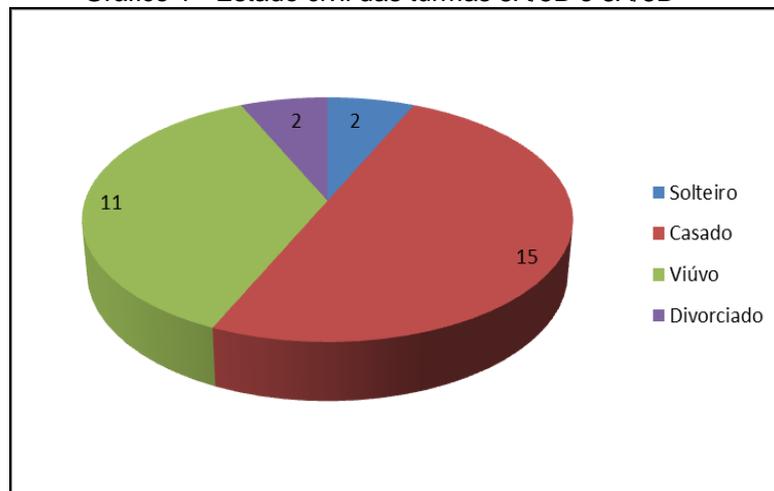
sobre história da arte, através de aulas teóricas, mas também o fazer artístico, de modo que os alunos pudessem conhecer e experimentar as artes visuais.

2.2. Os idosos da FaMidade

As turmas da terceira idade da FaMidade são bem heterogêneas: moram em diferentes regiões da cidade de Juiz de Fora, tem escolaridades diferentes e níveis salariais diferenciados. O elo em comum entre eles é a mesma faixa etária: a terceira idade. Com o objetivo de verificarmos essa afirmativa, aplicamos um questionário (anexo 1) em setembro de 2015 com as duas turmas, não somente para conhecê-los, mas também para verificarmos aspectos relativos à própria disciplina ministrada. Não conseguimos respostas com a totalidade dos alunos das turmas, uma vez que alguns alunos já não se encontram matriculados na FaMidade e outros estavam viajando ou de licença-saúde. Mas, com os dados obtidos foi possível traçar um perfil das turmas e, por consequência, de outras turmas da terceira idade da instituição.

Em relação à composição por sexo é nítida a grande predominância de mulheres em relação aos homens. Uma das características de cursos para a terceira idade é a ausência de homens. Não somente porque no Brasil as mulheres tem mais longevidade, mas também porque muitos dos homens não se interessam por participar nesse tipo de atividade. Assim, dos 42 alunos matriculados no primeiro semestre de 2015 nas duas turmas, somente dois eram homens, e mesmo assim, um deles trancou o curso no início do semestre. Desse total, 37 alunos efetivamente participaram do curso nas duas turmas (5A/5B e 8A/8B) e 30 responderam ao questionário de avaliação do curso. Dos 30 alunos que responderam ao questionário 16 são alunos matriculados na turma 5A/5B e 14 da turma 8A/8B. Em relação à faixa etária, verificamos que metade dos alunos (15) se situa na faixa etária entre os 57 e 67 anos e a outra metade é composta por idosos com idades variando entre 68 a 82 anos (15 alunos). Apenas uma aluna possui mais de 80 anos, a maioria dos alunos está na faixa etária abaixo dos 70 anos. Dessa forma, apuramos uma média de idade de 67 anos para ambas as turmas, variando um pouco o percentual (67,9 para a turma 5A/5B e 67,4 para a turma 8A/8B).

Gráfico 1 - Estado civil das turmas 5A/5B e 8A/8B

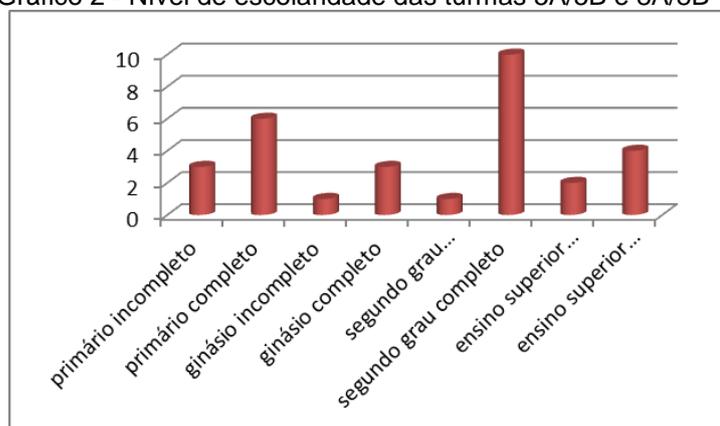


Fonte: Questionário 1 – pergunta 4

Em relação ao estado civil, conforme podemos verificar no gráfico 1, a metade dos idosos entrevistados é casada, sendo 15 no total, seguido do número de idosos viúvos em total de 11, solteiros e divorciados com duas pessoas em cada item. O número de casados nos surpreendeu, pois imaginávamos que a maioria das idosas eram viúvas, pois os maridos não pertencem à FaMldade.

Do total de 15 casados, nove moram somente com o cônjuge, cinco moram com o cônjuge e filhos e uma aluna mora com o cônjuge e a mãe. Dos 30 alunos entrevistados, cinco moram sozinhos. A maioria deles é viúva (3), solteiro (1) e divorciado (1). O restante dos viúvos mora com filhos e/ou netos. Apenas uma das idosas (solteira) declarou que mora com as irmãs também solteiras.

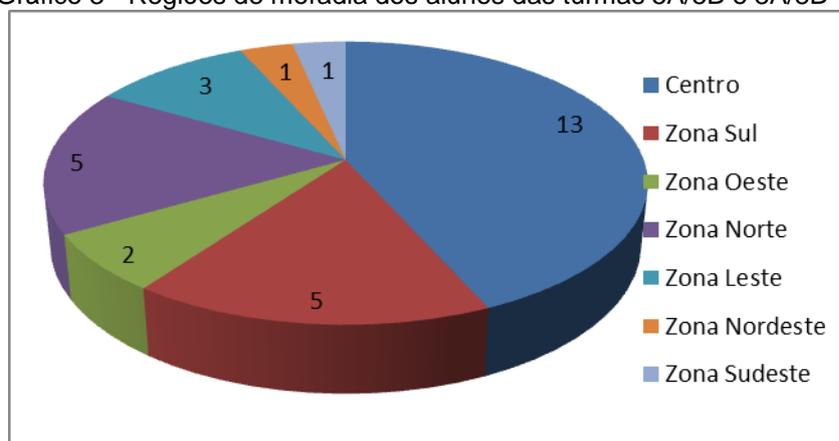
Gráfico 2 - Nível de escolaridade das turmas 5A/5B e 8A/8B



Fonte: Questionário 1 – pergunta 5

Em relação à escolaridade, podemos verificar no gráfico 2 que o maior número de alunos possui segundo grau completo (ensino médio), com 10 alunos, e em seguida, o grau de instrução primário completo, com seis alunos. Mas, podemos verificar que há grandes discrepâncias de escolaridades, pois temos desde alunos com primário incompleto até alguns deles com curso superior completo. Na pergunta 5, sobre o grau de instrução, utilizamos a nomenclatura mais próxima da realidade dos alunos em detrimento à forma existente nos dias de hoje, tais como: ensino fundamental e ensino médio.

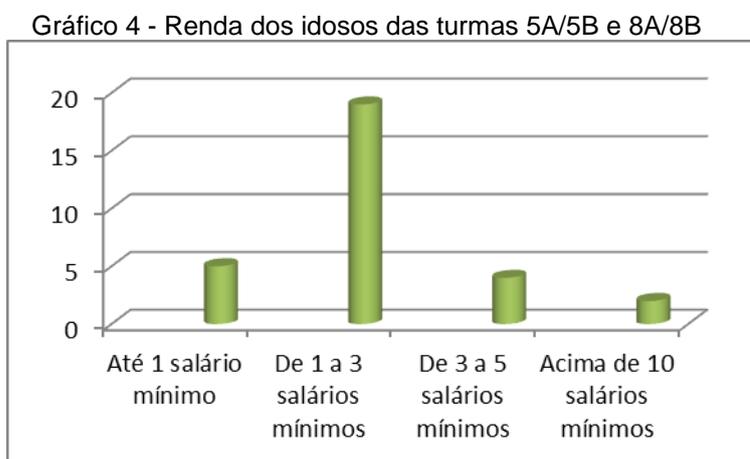
Gráfico 3 - Regiões de moradia dos alunos das turmas 5A/5B e 8A/8B



Fonte: Questionário 1 – pergunta 6

Em relação à região em que moram na cidade de Juiz de Fora, podemos notar pelo gráfico 3 que embora haja predominância de alunos que morem na região central (13 ao total), todas as sete regiões da cidade possuem alunos inscritos na FaMldade. Como o Instituto Metodista Granbery está situado em um bairro da região central da cidade é natural que boa parte dos alunos seja dessa região. Os dados obtidos também estão de acordo com a pesquisa do IBGE, apontada no primeiro capítulo, no qual vimos que a concentração maior de idosos é na região central de Juiz de Fora. Mas, o que nos surpreendeu foi encontrar cinco alunos de bairros mais longínquos do centro, como os da Zona Norte. Também em número de cinco alunos estão aqueles que moram na Zona Sul de Juiz de Fora, mas nesse caso é mais compreensível, pois é a região mais próxima da região central e do bairro Granbery. Embora com predominância na região central, vimos que o programa da FaMldade possui

uma capilaridade em relação ao alcance de suas atividades, atingindo alunos de todas as regiões de Juiz de Fora. O grande número de residentes na cidade e a pouca oferta de cursos regulares fazem com que a FaMldade seja procurada por pessoas de todas as regiões de Juiz de Fora.



Fonte: Questionário 1 – pergunta 7

Uma outra questão levantada em relação ao perfil dos idosos da FaMldade é a disparidade de renda entre eles. Podemos verificar que nas turmas convivem moradores da região central da cidade e com maior poder aquisitivo, com alguns de renda mais inferior e moradores de bairros periféricos de Juiz de Fora. No entanto, verificamos pelo gráfico 4 que mais da metade (63%) se encontra na faixa salarial de 1 a 3 salários mínimos de renda mensal. Muitos desses alunos são professoras aposentadas e recebem dois salários mínimos de aposentadoria. Por isso, a grande concentração de renda nessa faixa salarial.

2.3. A disciplina “Tópicos de Arte, Cultura e Museus”

A nossa experiência com o ensino para a terceira idade se iniciou no segundo semestre de 2014, quando ministramos a disciplina “Vivências de Memórias” para as turmas 5A/5B e 8A/8B. Essa disciplina tem como objetivo trabalhar vivências de memórias com os idosos. Ao verificar o interesse dos alunos pelo aprendizado de temas de caráter cultural nos fez sugerir à coordenação da FaMldade a criação de uma disciplina chamada “Tópicos de Arte, Cultura e Museus” no qual lecionaríamos História da Arte, mas também Mitologia,

aspectos culturais, etc e faríamos oficinas de produção artística com essas duas turmas. Na proposta original, com 18 aulas, além de ensinar conteúdos teóricos sobre o tema, iríamos conduzir três oficinas de produção artística: uma de monotipia, uma de colagem e uma terceira de pintura com carimbo. As expectativas foram bem sucedidas, pois conseguimos as duas turmas para ministrar essa disciplina no primeiro semestre de 2015. Infelizmente devido ao calendário proposto pela coordenação não foi possível desenvolver a disciplina num semestre inteiro em cada turma, ou seja 18 aulas, como estava previsto inicialmente, mas apenas 9 aulas em cada turma, ou seja, meio semestre letivo. Dessa forma, tivemos que cortar duas das oficinas de produção artística, deixando somente uma experiência de vivenciar a arte: a oficina de colagem.

As disciplinas foram oferecidas no primeiro semestre de 2015, entre os meses de março e junho, sendo as atividades realizadas em março e abril com a turma 5A/5B e em maio e junho com a turma 8A/8B. O conteúdo da disciplina privilegiou conteúdos teóricos sobre história da arte, mas também conteúdos culturais tais como: museus e mitologia. Num total de 10 aulas, o curso teve duas atividades distintas: a primeira delas, aulas teóricas ministrada pela professora e a segunda atividade, uma oficina de colagem com materiais diversos.

As aulas teóricas tiveram como apoio metodológico duas apresentações em *power point* (uma sobre o conceito de arte e outra sobre mitologia) e uma apresentação em *prezi* com a evolução da história da arte no Ocidente. Para a oficina de colagem optamos por incluir na primeira parte da primeira aula uma apresentação (ver anexo 2) sobre a obra de arte escolhida para trabalharmos: a Mona Lisa. Os alunos puderam conhecer essa importante obra de arte: quando foi pintada, porque é tão importante para a história da arte e como foi ao longo da história, copiada e parodiada. Em seguida apresentamos às turmas as categorias de manipulação da Mona Lisa que detectamos em nosso estudo e que são as seguintes: releituras de outros artistas, alterações na aparência, alterações no contexto, outras leituras / outros contextos, replicações, grafismos, associações com outros personagens e associações com outras obras de arte. Logo a seguir, os alunos receberam cópias da Mona

Lisa em dois formatos: uma reprodução em preto e branco numa folha A4 e quatro reproduções em preto e branco numa folha A4. Como havíamos solicitado na aula anterior, eles trouxeram de casa revistas velhas, tecidos, cola, tesoura e materiais diversos. Além do material solicitado aos alunos, também levamos materiais para que eles pudessem produzir suas próprias paródias da Mona Lisa. Tendo como base a cópia da Mona Lisa, eles começaram a trabalhar em sua manipulação, fazendo intervenções no corpo, no rosto ou no fundo do desenho. Os resultados obtidos nas oficinas serão descritos no próximo capítulo.

Alguns alunos pediram para terminar o trabalho em casa, onde teriam mais materiais disponíveis, outros solicitaram que o trabalho continuasse na sala de aula. Assim, os trabalhos com as manipulações da Mona Lisa tiveram continuidade na aula seguinte. Na segunda aula, alguns se dedicaram a finalizar a intervenção da aula anterior, enquanto outros começaram uma nova intervenção, tendo já finalizada a primeira. Ambas as turmas tiveram alguns alunos faltosos na primeira aula e que tiveram que produzir suas intervenções da Mona Lisa apenas na segunda aula. Uma das características comuns às turmas da FaMldade é a falta de assiduidade dos idosos. Eles faltam muito às aulas, seja por problemas de saúde deles ou de algum familiar, por motivo de viagem ou mesmo para cuidar de algum neto ou mesmo de genitores ou cônjuges adoentados.

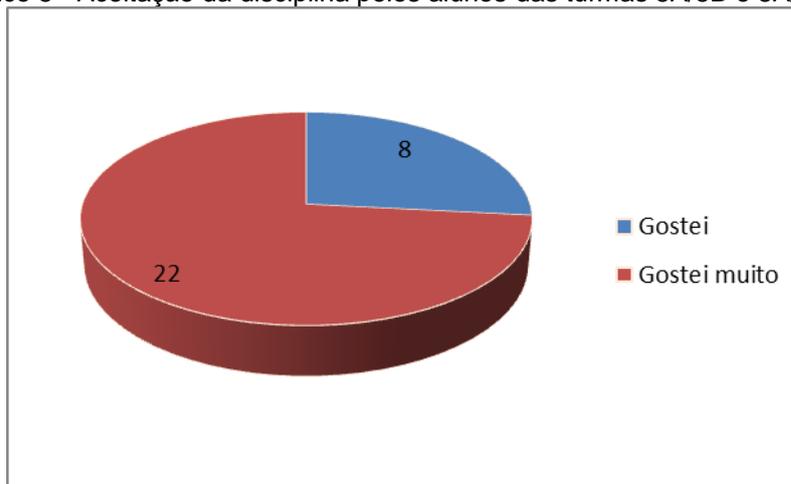
Além da oficina de colagem, realizada com os alunos em sala de aula, solicitamos a produção de uma caixa de memórias como trabalho final de curso e tendo como base a ideia de museu imaginário proposto por André Malraux. Malraux (2000) propunha a criação de um museu imaginário que serviria para abrigar todas as obras de arte do mundo, devidamente fotografadas. Esse museu, segundo Malraux, seria um espaço da memória viva. O museu imaginário proposto por Malraux também é um museu novo, criado por cada um de nós, com as imagens que selecionamos e reproduzimos dos museus físicos. Nesse sentido, o museu imaginário de Malraux também é um museu

virtual⁹, pois cada pessoa pode ter o seu próprio museu de reproduções. A ideia de que cada pessoa possa produzir o seu próprio museu de reproduções inspirou várias iniciativas, uma delas o Pinterest. No Pinterest cada um de nós pode criar e compartilhar suas coleções temáticas. O ato de “pinar” imagens na *internet* e trazê-las para a sua coleção torna realidade a proposta por André Malraux na década de 50. Assim, o que Malraux apregoava em relação às cópias dos livros de arte está, atualmente, ao alcance de qualquer pessoa através de uma conta no Pinterest. No Pinterest podemos criar coleções temáticas, por autor, por técnicas e acumular imagens de inúmeros museus e colecionadores particulares. Com base no conceito de Malraux propomos aos alunos a produção de um museu imaginário individual e exclusivo. Estes pequenos museus imaginários, produzidos a partir de caixas de sapato ou de bombons, poderiam conter objetos e imagens reproduzidas de algum museu ou ser produzido com objetos e foto de suas próprias memórias pessoais.

No questionário aplicado aos alunos, fizemos seis perguntas para avaliar o grau de conhecimento que eles possuíam sobre arte e a aceitação da experiência. Na primeira pergunta 90% respondeu que nunca vivenciou nenhum curso de arte anteriormente (27 dos 30 idosos) e somente três alunos afirmaram já ter feito algum curso de arte anteriormente. Na pergunta sobre a aceitação da disciplina, podemos verificar pelo gráfico 5 (abaixo) que 22 alunos gostaram muito, 8 alunos gostaram e nenhum aluno detestou a disciplina. Dos 30 alunos que responderam o questionário, apenas um deles não se interessou em fazer novas disciplinas de arte. Assim, podemos ver que houve uma resposta bem positiva ao conteúdo apresentado.

⁹ Aqui trabalhamos com o conceito de virtual derivado de Aristóteles e trabalhado por Pierre Lévy, onde o virtual é aquilo que existe enquanto potência.

Gráfico 5 - Aceitação da disciplina pelos alunos das turmas 5A/5B e 8A/8B



Fonte: Questionário 1 – pergunta 2 – segunda parte

Na pergunta sobre o que mais tinha chamado atenção nas aulas, os idosos poderiam marcar mais de uma opção. Nesse caso, mais da metade dos idosos respondeu que gostou mais das aulas teóricas (18), em seguida com 17 respostas positivas, eles afirmaram que gostaram de fazer a intervenção na Mona Lisa e com 10 respostas, eles marcaram a produção do museu imaginário.

No questionário aplicado, elaboramos duas perguntas abertas sobre o curso com a intenção de extrair algumas falas deles sobre a experiência. A primeira delas indagava o que eles tinham aprendido com o curso. Separamos algumas respostas bem positivas dos alunos a essa pergunta. São elas:

“Aprendi que a arte é uma maneira de contar a história da vida”

“Aprendi a me interessar sobre a importância da arte e procuro prestar atenção quando passa na televisão. Lembro das aulas e presto atenção.”

“Adquiri novos conhecimentos, novos hábitos, experiências, comportamento, etc.”

“A vida é um eterno aprendizado, aprendemos sobre os museus, sobre a Mona Lisa e muito mais. Gostei de tudo.”

“Aprendi como é importante visitar os museus, ver com outros olhos, mais observadores, as obras de arte e os objetos antigos e preservar as memórias.”

“Me tornei mais culta.”

A segunda pergunta indagava sobre o que eles entendem por arte. A partir do conhecimento adquirido no curso eles deveriam responder qual a concepção

de arte que eles acreditam. Entre as respostas, selecionamos algumas que consideramos bem interessantes. São elas:

“É a maneira de expressar os nossos sentimentos e nossa história”

“Arte é o desenvolvimento de algo que a mente cria e as mãos executam.”

“Arte é cultura, conhecimento, novas ideias...”

“É a capacidade de analisar os sentimentos, e o poder expressar através de desenhos.”

“Arte é criatividade, sentimentos, sensibilidade e prazer”

“Arte é abrir o horizonte.”

“Arte é cultura na verdadeira concepção da palavra.”

“É o conhecimento e a cultura através dos tempos.”

“É a expressão do corpo, da mente, das habilidades de cada pessoa.”

“É buscar fundo no imaginário, colocar para fora e trabalhar nossa imaginação.”

“É a manifestação do espírito, o meu modo de interpretar, do mais simples ao mais complexo.”

Em relação às especificidades das oficinas de cada turma, passaremos a descrevê-las detalhadamente a seguir. A turma 5A/5B é uma turma que no primeiro semestre de 2015 possuía 21 alunos matriculados, sendo 19 mulheres e dois homens. Um dos homens e duas das mulheres trancaram o curso durante o semestre letivo. Assim, 18 alunos efetivamente participaram do curso desde o seu início até o término, sendo que uma das alunas não participou da oficina de colagem, pois estava doente nos dias em que foi realizada. Ao todo, os alunos dessa turma produziram 23 trabalhos de colagem. Sempre com aulas às terças-feiras, no horário das 8h00 às 9h20, o curso teve um total de sete aulas, assim distribuídas: duas aulas para oficina de colagem, uma aula sobre mitologia e museus e quatro aulas teóricas sobre história da arte. O período de aulas se iniciou no dia 10/03/2015 e terminou em 28/04/2015. Devido a um feriado e a demora no início das aulas, não conseguimos finalizar todo o conteúdo teórico com a turma 5A/5B. As aulas da oficina de colagem foram realizadas nos dias 24 e 31 de março. A turma 5A/5B é uma turma mais antiga na FaMldade, pois possui parte dos alunos egressos em 2013 e parte em 2014. Não é uma turma muito coesa, pois existem várias “panelinhas”, criando atritos entre os membros das mesmas. No geral, são alunos que são mais dispersos em relação ao conteúdo, mas se mostraram interessados na

disciplina, embora tenha produzido menos do que a turma 8A/8B. Durante a aula teórica uma das alunas fez a seguinte observação enquanto apresentávamos as modificações da Mona Lisa na apresentação em *power point*: “É um sacrilégio mexer numa obra de arte tão famosa!”. No entanto durante o exercício a mesma aluna ficou entusiasmada com a possibilidade de fazer a sua própria adaptação da Mona Lisa e entendeu a ideia de justamente lidar com essa ideia de imutabilidade da obra de arte.

A turma 8A/8B estava no primeiro semestre de 2015 configurada da seguinte maneira: 21 alunos matriculados, sendo uma turma exclusivamente feminina. Da configuração inicial, restaram 19 alunas que efetivamente participaram do curso, uma vez que três alunas cancelaram a matrícula no início do semestre e não concluíram o curso. Essa turma produziu 39 trabalhos de colagem. Sempre com aulas às terças-feiras das 9h45 às 11h00, o curso teve um total de nove aulas: duas aulas para oficina de colagem, uma aula para mitologia e museus e seis aulas para o curso de história da arte. A oficina de colagem foi realizada nos dias 19 e 26 de maio de 2015. É uma turma mais nova, pois a maioria ingressou no segundo semestre de 2014. É uma turma muito unida e sem “panelinhas”. As alunas dessa turma ficaram muito interessadas tanto nas aulas teóricas quanto na oficina de colagem. Assim, puderam produzir mais intervenções do que a turma 5A/5B.

3. Experimentações em ensino de artes visuais

O objetivo desse capítulo é analisar os trabalhos desenvolvidos pelas duas turmas da FaMldade nas aulas de história da arte, na disciplina “Tópicos de Arte, Cultura e Museus”. Em primeiro lugar iremos descrever e analisar os trabalhos desenvolvidos nas oficinas de colagem, nas quais, os alunos deveriam produzir suas próprias paródias e releituras da Mona Lisa. Em seguida, iremos analisar as produções dos museus imaginários, realizados pelos alunos ao final do curso e que participaram da exposição no final do semestre letivo. E, por fim, apresentaremos a experiência de montar uma exposição com os trabalhos finais desenvolvidos pelos alunos. Analisar as experimentações em ensino de artes visuais com duas turmas da FaMldade é o objetivo principal da pesquisa realizada no primeiro semestre de 2015 e foco desse capítulo.

3.1. As paródias e releituras da Mona Lisa

Conforme vimos no segundo capítulo, as oficinas de colagem com imagens da Mona Lisa ocorreram sem problemas nas turmas 5A/5B e 8A/8B, onde foram realizadas. Os 37 alunos das duas turmas da disciplina “Tópicos de Arte, Cultura e Museus” produziram ao todo 62 trabalhos de paródias e releituras da Mona Lisa. Embora os alunos tenham tido liberdade de trabalhar a imagem da Mona Lisa de outras formas, eles se mantiveram na proposta original da oficina e produziram colagens com paródias da Mona Lisa. Para analisar o material produzido propomos separá-las pelas categorias que trabalhamos em sala de aula com os alunos.

As categorias que criamos para estudo, conforme vimos anteriormente, são as seguintes: releituras de outros artistas, alterações na aparência, alterações no contexto, outras leituras / outros contextos, replicações, grafismos, associações com outros personagens e associações com outras obras de arte. Os trabalhos desenvolvidos pelos alunos se situaram em apenas três categorias: alterações na aparência, alterações no contexto e outras leituras/outros contextos.

Acreditamos que o repertório limitado em relação à manipulação de obras artísticas, tornou o trabalho muito voltado para intervenções mais simples do ponto de vista artístico. Conforme verificamos no segundo capítulo, a maioria dos idosos nunca fez algum curso de arte anteriormente e muitos declararam não ter facilidade em lidar com trabalhos manuais. Verificamos que os trabalhos mais bem produzidos e acabados foram aqueles realizados por alunas que têm maior facilidade com trabalhos manuais.

Figura 3 – Trabalho de colagem da aluna Ivê - turma 8A/8B



Fonte: Disciplina “Tópicos de Arte, Cultura e Museus”

Para alterar a aparência da Mona Lisa, a aluna, Ivê, por exemplo, se utilizou de tecidos, fita gorgorão, paetês e bordados para transformar a Mona Lisa com texturas, vestindo-a de forma diferente do quadro original. Do ponto de vista da intervenção artística na imagem da Mona Lisa, a aluna se limitou a colorizar a imagem, mas gastou esforços em modificar a roupa, acrescentando tecido e *voil*, além de paetês. Além disso, com fita gorgorão ela fez uma espécie de moldura na obra de arte, finalizando o quadro com bordados aplicados na parte de baixo do mesmo.

Alterações na aparência

Nessa categoria estão aquelas intervenções feitas pelos alunos seja no corpo ou na cabeça da Mona Lisa, mas que ainda trabalham o mesmo contexto, ou seja, com a paisagem da Lombardia ao fundo. Dos 62 trabalhos realizados pelos alunos, 38 podem ser classificados na categoria “Alterações na

Aparência”. Verificamos que o maior número de intervenções na figura da Mona Lisa encontra-se nessa categoria, pois trata-se de uma maneira mais simples e sem elaborações de modificar a imagem, seja trocando a cabeça da Mona Lisa, seja acrescentando algo em seu corpo. No entanto, os trabalhos não deixaram de ter qualidade por essa escolha de abordagem. Alguns trabalhos possuem uma qualidade acima da média, mas no geral, os trabalhos tiveram boa qualidade de intervenção. Como o objetivo da oficina era trabalhar a questão da releitura em obra de arte, o fato dos alunos terem se dedicado a modificar a aparência da Mona Lisa denota uma capacidade de expressão artística, mesmo que tímida em alguns casos e mais elaborada em outros.

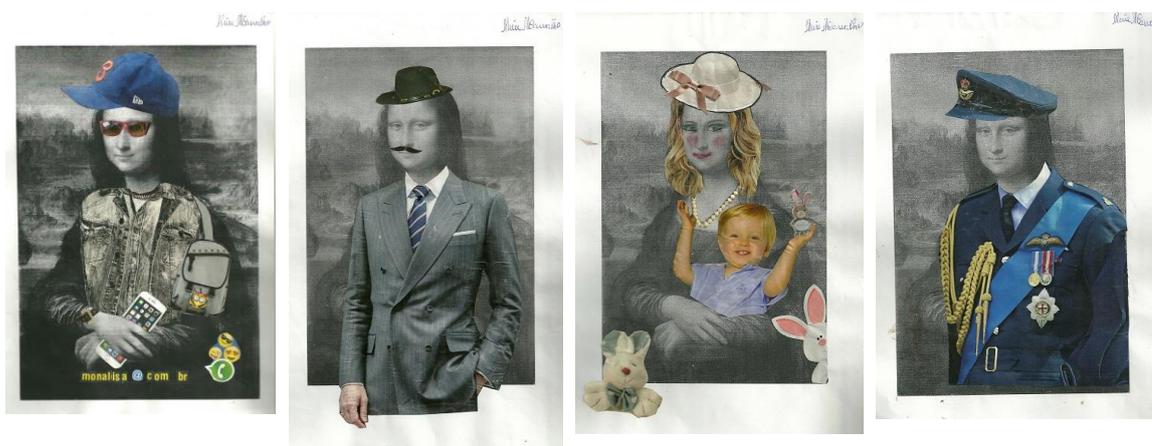
Figura 4 – Trabalho de colagem da aluna Gilda – turma 5A/5B



Fonte: Disciplina “Tópicos de Arte, Cultura e Museus”

Dentre os trabalhos apresentados pelos alunos, destacamos algumas soluções bem criativas e que alteraram a aparência da Mona Lisa. As mudanças, propostas pela aluna Gilda, da turma 5A/5B (figura 4), por exemplo, apresenta uma Mona Lisa com os cabelos modificados: completamente loira e com desenhos em sua roupa. Embora tenha feito pequenas mudanças sutis, a aluna quis deixar intacta a figura da Mona Lisa, como forma de preservar a sua marca registrada: seu sorriso enigmático. A maioria das intervenções na aparência da imagem da Mona Lisa são de formas sutis ao transformar a imagem em algo diferente. Verificamos que os alunos, na sua maioria, não se sentiram tão à vontade para mudar completamente a aparência da Mona Lisa.

Figura 5 – Trabalhos de colagem da aluna Meire – turma 8A/8B



Fonte: Disciplina “Tópicos de Arte, Cultura e Museus”

Conforme podemos ver na figura 5, a aluna Meire, da turma 8A/8B, se dedicou a intervir na Mona Lisa, transformando-o em personagens diferenciados, mas sempre respeitando o contexto de apresentação da imagem. A Mona Lisa, para a aluna, pode ser uma jovem antenada nas novas tecnologias e seus *gadgets*, um executivo de terno, gravata e bigode, uma mãe dedicada ao seu filho ou um general cinco estrelas. As intervenções efetuadas por essa aluna denota uma necessidade de mostrar a Mona Lisa em situações cotidianas da contemporaneidade, mas sempre respeitando o contexto de sua produção. A aluna poderia ter trocado tanto o fundo quanto o rosto da Mona Lisa, mas quis preservá-los para deixar a marca de Da Vinci.

Figura 6 - Trabalho de colagem da aluna Zulma – turma 8A/8B



Fonte: Disciplina “Tópicos de Arte, Cultura e Museus”

No caso da alteração na aparência, não necessariamente é preciso que a alteração seja sutil como aquela efetuada pela aluna Meire. Nesse caso, pode haver mudanças mais radicais, com a troca de uma cabeça ou das mãos. O elo em comum a esse tipo de trabalho é o cuidado em deixar o fundo intacto para que as pessoas possam identificar na colagem, a figura da Mona Lisa. O trabalho da aluna Zulma (figura 6), por exemplo, preservou apenas o fundo, o dorso e as mãos da Mona Lisa, transformando-o em uma noiva atual. Nesse caso, a identificação da figura da Mona Lisa se dá pelo posicionamento das mãos e do corpo, apresentando uma Mona Lisa muito diferente daquela pintada por Da Vinci.

Entre os trabalhos de alteração na aparência, podemos verificar que alguns alunos modificaram totalmente a Mona Lisa, mas deixaram o fundo característico da obra. Um exemplo é a Mona Lisa quase totalmente desfigurada, da figura número 7, da aluna Sônia da turma 8A/8B, por exemplo, que transformou a sua Mona Lisa em uma moça coquete, com um grande chapéu e roupa colorida. A intenção da aluna é fazer uma intervenção de forma a quase desaparecer com os vestígios da Mona Lisa.

Figura 7 - Trabalho de colagem da aluna Sônia – turma 8A/8B



Fonte: Disciplina “Tópicos de Arte, Cultura e Museus”

Conforme já dissemos anteriormente, as modificações podem ser sutis e ao mesmo tempo apresentar várias leituras da Mona Lisa. Essas leituras podem ser feitas a partir não de apenas uma imagem, mas a partir da apresentação de mais de uma imagem. Um exemplo é a colagem da aluna Geralda, da turma 8A/8B, que apresenta duas Monas Lisas “vestidas” como comissárias de bordo (figura 8).

Figura 8– Trabalho de colagem da aluna Geralda – turma 8A/8B



Fonte: Disciplina “Tópicos de Arte, Cultura e Museus”

Alterações no contexto

A escolha de alterar o contexto das imagens da Mona Lisa foi uma solução encontrada por vários alunos da disciplina “Tópicos de Arte, Cultura e Museus” para os trabalhos da oficina de colagem. Dos 62 trabalhos finalizados pelos alunos, 21 focaram suas intervenções na alteração do contexto da imagem, mudando o fundo ou completamente a imagem da Mona Lisa. Embora as alterações no contexto tenham sido em menor número do que as alterações na aparência, os trabalhos tiveram qualidade superior, principalmente os desenvolvidos pela turma 5A/5B, em relação à alteração na aparência. Consideramos, dessa forma, que ao fazer uma alteração no contexto de apresentação da imagem, os alunos puderam exercer sua criatividade de forma mais consistente, uma vez que era preciso pensar em qual contexto gostaria de apresentar a imagem manipulada e trabalhar o contexto de forma diferenciada.

Figura 9- Trabalho de colagem da aluna Gilda - turma 5A/5B (com e sem moldura)

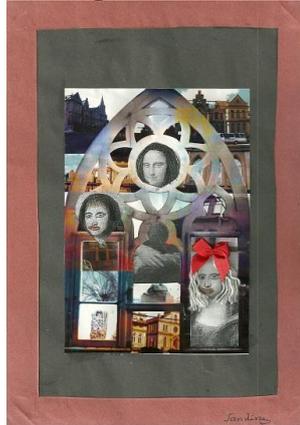


Fonte: Disciplina “Tópicos de Arte, Cultura e Museus”

Separamos alguns trabalhos dos alunos, sobre os que gostaríamos de tecer alguns comentários sobre a forma como foram produzidos. A aluna Gilda, da turma 5A/5B, por exemplo, apresentou uma proposta de mudança de contexto da Mona Lisa muito interessante (figura 9). Ela transformou a Mona Lisa, de corpo inteiro, em uma noiva com um vestido amplo de cor rosa claro e deslocou-a para um ambiente de casamento rústico, possivelmente numa praia, em leves tons de cinza. A composição da colagem ficou belíssima e traz um novo olhar sobre a Mona Lisa. Para a exposição, a aluna colou a imagem em uma bandeja de isopor e colou pequenas flores cor de rosa na moldura, destacando o rosa da imagem. Sem dúvida, umas das alterações no contexto mais interessantes produzidas pelos alunos.

A aluna Jandira, também da turma 5A/5B, fez uma montagem muito interessante com três imagens da Mona Lisa, compondo um vitral com várias cabeças da Mona Lisa e imagens diversas de edifícios, árvores, formando um mosaico interessante de referências. Destaque para o cabelo de lã e o laço de fita vermelha de uma das Monas Lisas. O resultado final do trabalho nos apresenta uma janela para múltiplas possibilidades.

Figura 10 - Trabalho de colagem da aluna Jandira - turma 5A/5B



Fonte: Disciplina “Tópicos de Arte, Cultura e Museus”

Em relação às modificações no contexto da imagem, selecionamos trabalhos de quatro alunas da turma 8A/8B que partiram do mesmo princípio: alterar o fundo de forma drástica e acrescentar alguns elementos na imagem da Mona Lisa tais como chapéu, óculos, flores, bolsa e bebê. Mesmo sendo radical a mudança do contexto, do fundo, a Mona Lisa permanece quase que intacta aos nossos olhos (figura 11). Esse deslocamento do contexto da Mona Lisa nos apresenta uma imagem mais atual e mais próxima ao cotidiano das alunas.

Figura 11- Trabalhos de colagem das alunas Alcione, Ivê, Geralda e Vânia – turma 8A/8B



Fonte: Disciplina “Tópicos de Arte, Cultura e Museus”

Dentre os trabalhos produzidos pelos alunos da disciplina “Tópicos de Arte, Cultura e Museus” destacamos também nessa categoria uma das imagens elaboradas pela aluna Sônia, da turma 5A/5B, no qual ela além de mudar o

contexto da imagem, ainda faz grandes intervenções na figura da Mona Lisa (figura 12). Assim, sua Mona Lisa está no meio das duas categorias: alteração na aparência e alteração no contexto. Ao manter muito pouco da Mona Lisa, Sônia pode construir uma imagem de uma Mona Lisa atual, com óculos, longos cabelos louros e chapéu amarelo.

Figura 12- Trabalho de colagem da aluna Sônia - turma 5A/5B



Fonte: Disciplina “Tópicos de Arte, Cultura e Museus”

Outras leituras / outros contextos

Apenas três alunas fizeram intervenções na Mona Lisa dentro da categoria outras leituras/outros contextos. Classificamos nessa categoria aquelas intervenções que embora tenha trabalhado com a Mona Lisa, não utilizaram da imagem tradicional dela ou usaram pequenos detalhes quase imperceptíveis da imagem original.

Entre as propostas de mudanças completas no contexto e na aparência (outras leituras/outros contextos), apresentamos a imagem da Mona Lisa, produzida pela aluna Neusa, da turma 8A/8B (figura 13). A Mona Lisa de Neusa não contém nenhum elemento da figura original, apenas a postura da senhora da imagem é a mesma da Mona Lisa: figura meio que de lado, com as mãos ao colo. Ao entregar a imagem, a aluna justificou dizendo que era uma Mona Lisa na versão idosa. É interessante notar que a aluna não se sentiu constrangida em manipular a imagem e esquecer a figura da Mona Lisa, fazendo outra

releitura da imagem. A liberdade com que a aluna manipulou o conceito de paródia em arte é muito interessante e demonstra uma sofisticação intelectual.

Figura 13 - Trabalho de colagem da aluna Neusa - turma 8A/8B



Fonte: Disciplina “Tópicos de Arte, Cultura e Museus”

Outra proposta também nessa categoria é o trabalho desenvolvido pela aluna Ivone, da turma 5A/5B (figura 14) que misturou as mãos da Mona Lisa, mas com um contexto e uma imagem completamente modificadas. Também Ivone não se mostrou constrangida em modificar quase que completamente a imagem, pois eles tiveram grande liberdade para manipular as imagens conforme as suas preferências. A Mona Lisa de Ivone tem o rosto da Angelina Jolie, no filme Malévola e com um fundo vermelho que realça o aspecto “demoníaco” da imagem. Além disso, ela colou imagem de lugares nas laterais da imagem, tendo a princípio pouca ligação com a imagem produzida, mas que traz uma sensação de deslocamento em relação ao objeto retratado. A Mona Lisa de Ivone é uma imagem que pode produzir inúmeras elucubrações sobre a arte enquanto representação de uma determinada realidade, pois embora parta da ideia de produção de uma paródia da Mona Lisa, extrapola o objeto representado.

Figura 14 - Trabalho de colagem da aluna Ivone - turma 5A/5B



Fonte: Disciplina “Tópicos de Arte, Cultura e Museus”

Em último lugar, iremos analisar a imagem da aluna Geralda Souza, também da turma 5A/5B (figura 15). A imagem distancia-se de qualquer referência ou partes da imagem da Mona Lisa. Trata-se de uma colagem de várias imagens, fazendo referência a uma jovem dirigindo, além de outros elementos aparentemente desconexos. É uma imagem que não nos remete à Mona Lisa e se descontextualizada não servirá de referência, mas nem por isso deixa de ser uma imagem interessante do ponto de vista artístico. Ao fazer um trabalho com essa amplitude, a aluna demonstrou que não está presa aos cânones e regras, e parte do pressuposto que em artes visuais tudo é possível de ser representado.

Figura 15 - Trabalho de colagem da aluna Geralda Souza- turma 5A/5B



Fonte: Disciplina “Tópicos de Arte, Cultura e Museus”

3.2. Os museus imaginários e o imaginário sobre os museus

Partindo da ideia de André Malraux (2000) de que qualquer pessoa pode produzir o seu próprio museu a partir de reproduções fotográficas, trabalhamos em sala de aula o conceito de museu e como os alunos poderiam criar o seu próprio museu. O trabalho, que deveria ser feito em casa, nos surpreendeu porque imaginávamos que os alunos iriam produzir poucos trabalhos. Como tratava-se de uma espécie de trabalho de conclusão do curso, só vimos o resultado final no dia da exposição, quando os alunos trouxeram seus museus finalizados.

Alguns alunos optaram por produzir museus com seus objetos, privilegiando suas memórias, enquanto outros escolheram produzir museus com acervos de outros museus, com ênfase para o acervo do Museu Mariano Procópio, museu da cidade de Juiz de Fora. E, por último tivemos dois casos de alunas que montaram seus museus imaginários com temáticas diferenciadas, ou com acervo que já possuíam ou a partir de sua imaginação. Dividimos assim em três categorias os trabalhos apresentados: museus de memória, reproduções de museus físicos e novos museus. A seguir iremos analisar os trabalhos produzidos em cada categoria.

Museus de memória

Os alunos produziram quatro museus ligados à sua própria memória, sejam com objetos pessoais ou em homenagem a algum ente querido. Nesse último item, uma das alunas apresentou uma espécie de “reportagem” em homenagem ao seu pai, que foi um importante jornalista nos anos 50. A aluna não organizou o museu dentro de uma caixa, mas em formato de cartazes (figura 16). A aluna Jandira, da turma 5A/5B fez uma homenagem a seu pai, através de fotografias e textos produzidos por ele durante uma reportagem sobre índios do Xingu. A aluna montou o museu em cartolinas que foram fixadas no painel da exposição.

Figura 16 - Reportagem em homenagem a Diogo Costa. Trabalho da aluna Jandira- turma 5A/5B



Fonte: Disciplina “Tópicos de Arte, Cultura e Museus”

Na categoria museus de memória, podemos verificar na figura 17 que três alunas optaram por produzir museus com suas lembranças. Duas delas mesclaram objetos e fotografias de família e uma delas colocou apenas fotos de família em todos os lados da caixa. Os objetos eram dedais, uma máquina de costura de brinquedo que realmente costura, broches, camafeus, etc. Como trabalhamos com a temática da memória nas duas turmas no semestre anterior, ainda ficou muito forte nas lembranças delas as discussões sobre como os objetos e as fotografias são portadores de memória. A ideia de montar museus a partir de seus próprios objetos é interessante, pois não restringe o museu a um espaço da memória coletiva, mas alimenta o museu com a memória individual. É também uma forma de homenagear seus familiares.

Figura 17 - Museus imaginários das alunas Maria dos Anjos, Maria das Dores Cecílio e Marília



Fonte: Disciplina “Tópicos de Arte, Cultura e Museus”

Reproduções de museus físicos

Alguns alunos escolheram criar o seu museu imaginário a partir do acervo de outros museus, alguns recriando-os e outros trabalhando o acervo de vários museus em suas reproduções. O museu mais referenciado é o Museu Mariano Procópio. Principal museu da cidade de Juiz de Fora e primeiro museu de Minas Gerais, o Mariano Procópio está presente no imaginário de todos os moradores de Juiz de Fora, mesmo estando fechado para obras de restauro

desde 2008. Conforme podemos ver na figura 18, o aluno Sebastião da turma 5A/5B e a aluna Ivê, da turma 8A/8B optaram por reproduzir o Museu Mariano Procópio, apresentando fotografias de seu acervo. Sebastião optou por imagens em preto e branco e produziu pequenos móveis com palitos de picolé e lata de coca-cola, enquanto Ivê produziu uma belíssima caixa com objetos em 3 D e colagens de imagens do acervo do Museu Mariano Procópio.

Figura 18- Museus imaginários dos alunos Sebastião e Ivê



Fonte: Disciplina “Tópicos de Arte, Cultura e Museus”

Além do Museu Mariano Procópio, outros museus tiveram seus acervos reproduzidos nos museus imaginários dos alunos. A aluna Alcione da turma 8A/8B, por exemplo, selecionou imagens de vários museus que visitou ao redor do mundo e montou seu museu imaginário com as cópias das fotografias do acervo dessas instituições. E Meire, da turma 8A/8B, produziu um museu com fotografias antigas da cidade de Juiz de Fora. E Geralda, também da turma 5A/5B, apresentou seu museu imaginário não em uma caixa como a maioria dos colegas, mas em forma de cartaz, no qual apresentou peças de museus de várias partes do mundo. A ideia de trazer paisagens da cidade como objeto de museu é muito interessante e revela que a aluna entendeu o conceito de museu.

Figura 19 - Museus imaginários das alunas Alcione, Meire e Geralda



Fonte: Disciplina “Tópicos de Arte, Cultura e Museus”

Novos museus

Na categoria novos museus, incluímos aqueles que foram criados a partir de objetos dos alunos, mas como museus novos. Duas alunas apresentaram museus nessa categoria. A aluna Jandira, da turma 5A/5B, trouxe para a exposição em duas caixas transparentes e com pequenos compartimentos, parte de sua coleção de cristais e minerais. Ela nos contou que coleciona minerais desde menina e para a exposição colocou etiquetas em cada compartimento da caixa com o nome de cada mineral.

Figura 20- Museu imaginário de Jandira, turma 5A/5B



Fonte: Disciplina “Tópicos de Arte, Cultura e Museus”

A aluna Gilda, também da turma 5A/5B, produziu um museu com pequenos objetos de uma residência, além de imagens da família. Para isso, adquiriu objetos no comércio local e montou o seu museu. Além da riqueza de detalhes, a aluna montou duas ambientações para o seu museu, sendo que numa delas uma peça girava para que os visitantes pudessem melhor visualizá-la. Além disso, a aluna produziu um catálogo com as peças em exposição, nomeou o museu como Museu Imaginário Lima Tinoco (os sobrenomes de suas famílias) e criou uma logomarca para o mesmo. Dessa forma, Gilda, não só homenageou a sua família, mas produziu um museu, misturando as memórias familiares a objetos do cotidiano.

Figura 21- Museu imaginário Lima Tinoco, da aluna Gilda – turma 5A/5B



Fonte: Disciplina “Tópicos de Arte, Cultura e Museus”

3.3. Resultado final: exposição com os trabalhos dos alunos

A exposição que recebeu o nome de "As representações da arte: Mona Lisa e museu imaginário" foi parte integrante da semana acadêmica da FaMldade e aconteceu no dia 9 de julho de 2015 no pátio do Colégio Granbery. Os alunos da disciplina "Tópicos de Arte, Cultura e Museus" ajudaram na exposição, escolhendo as mesas onde colocaríamos os museus imaginários e ajudando na montagem da mesma.

A exposição atraiu não somente os alunos da FaMldade que naquele dia teriam aulas (alunos de terça e quinta-feira), mas também alunos do Colégio que estudam no turno da manhã. As crianças ficaram muito curiosas e se mostraram muito interessadas em conhecer os trabalhos desenvolvidos pelos idosos, principalmente os museus imaginários. Muitos perguntam o porquê de determinado objeto ter sido escolhido e queriam conhecer em detalhes de cada museu. As crianças se sentiram atraídas, principalmente pelos museus de memória, perguntando sobre o uso de pequenos objetos que estavam nas caixas e também pelos acervos dos novos museus. As duas alunas, Gilda e Jandira, que produziram os novos museus, exerceram então um papel de monitoras, explicando cada objeto dos museus. As crianças ficaram fascinadas pelas peças e perguntavam a finalidade de cada objeto. A curiosidade das crianças foi maior em relação ao museu de minerais, criado pela aluna Jandira. Assim, dessa forma, se encerraram as atividades do semestre letivo na FaMldade, e os alunos da disciplina ficaram satisfeitos com os resultados obtidos durante o curso.

Figura 22– Imagens da exposição dos trabalhos dos alunos



Fonte: Disciplina "Tópicos de Arte, Cultura e Museus"

4. Considerações finais

“Em arte, procurar não significa nada. O que importa é encontrar.”
Pablo Picasso

O ensino de artes visuais é um vasto campo para estudos acadêmicos. E, embora surjam cada vez mais estudos sobre os mais variados temas relacionados a essa temática, ainda há muito o que se pesquisar. Ao escolher trabalhar com o público da terceira idade tínhamos ciência de que embora haja escassez de estudos com foco nas especificidades do ensino de arte visuais para idosos, a experiência iria ser riquíssima. Ao longo do primeiro semestre de 2015 nos dedicamos a promover uma experiência de ensino-aprendizagem em artes visuais que pudesse lançar algumas luzes sobre esse público específico. Não foi nossa pretensão esgotar o assunto, mas entender de que forma os idosos podem interagir com conteúdos e aprendizados em artes visuais. O que fizemos nesse estudo foi uma análise dos resultados, mas também do processo de aprendizagem em artes visuais, pelos alunos das turmas 5A/5B e 8A/8B da FaMldade.

Selecionamos como tema a ser trabalhado em sala de aula as releituras de obra de arte, mais precisamente, como as obras de arte podem ser copiadas, parodiadas e representadas pelos alunos. A escolha do tema deve-se principalmente ao nosso interesse em discutir o tema, mas também às possibilidades de intervenções artísticas possíveis de serem feitas em oficinas de colagem. Em se tratando de experiências artísticas, poderíamos escolher outra forma de abordagem, mas a produção de intervenções sobre a Mona Lisa foi nossa escolha principal. A escolha da imagem da Mona Lisa para um trabalho de colagem se mostrou interessante, na medida em que nos proporcionou uma discussão sobre o conceito de cópia e de apropriação da imagem na produção de paródias de obras de arte.

Analisando o processo como um todo, podemos afirmar que a terceira idade é um público cujo interesse pelas artes visuais é bem nítido. Embora o curso não

seja regular e, portanto, não sujeito a avaliações ou quaisquer outras formas de verificação de aprendizagem, podemos notar que os alunos foram receptivos aos conteúdos ministrados e se mostraram entusiasmados com a possibilidade de promover intervenções na Mona Lisa. É um público receptivo às novidades, principalmente em relação ao ensino de artes visuais. E as produções das intervenções denotam esse interesse. São intervenções elaboradas e feitas com grande capricho.

No entanto, ao analisar a proposta como um todo, podemos afirmar que embora o público escolhido tenha sido o da terceira idade, o tipo de abordagem efetuada serve também para públicos de outras origens. Assim, a disciplina “Tópicos de Arte, Cultura e Museus”, embora tenha sido estruturada para o público da terceira idade da FaMidade, pode ser aplicada em alunos de cursos regulares tanto na educação infantil, como no ensino fundamental ou ensino médio. Com devidas adaptações é possível utilizar o material do curso, principalmente da oficina de colagem, com qualquer faixa etária ou grau de escolaridade. Além disso, a metodologia pode ser utilizada tanto em cursos de ensino regular, como em cursos avulsos para qualquer tipo de público.

Além, é, claro de contar com as intervenções dos alunos para analisar o processo de ensino-aprendizagem, pensamos na confecção de um museu imaginário como forma de reforçar os conceitos apreendidos na sala de aula. Ao fim do semestre letivo tivemos uma grata surpresa com a qualidade da produção dos museus imaginários. Como professora, temos expectativas que às vezes são frustradas e às vezes nos deparamos com o caminho inverso, ou seja, os alunos nos surpreendem com os resultados obtidos em alguma tarefa. No caso dos museus imaginários, julgávamos que poucos alunos se interessariam em produzir um trabalho de final de curso, já que esse seria realizado totalmente em casa, sem orientação direta da professora e que eles sabiam que não haveria cobrança de resultado ao final do processo. Com grata surpresa nos deparamos com trabalhos executados com alta qualidade, tanto do ponto de vista técnico, quanto do ponto de vista do conteúdo, da concepção. Isso demonstra que a terceira idade não é um público a ser subestimado. Embora a maioria não possuía conhecimentos prévios sobre arte, apreendidos

em cursos anteriores, conforme vimos no capítulo 2, eles exercitaram a criatividade de forma excepcional e executaram de forma primorosa os trabalhos apresentados.

E, diferentemente da frase de Picasso que abre nossas considerações, no fazer artístico importa tanto o caminho, quanto a chegada. Ao analisar o processo de ensino-aprendizagem lançamos algumas ideias sobre como trabalhar com esse público específico. E, analisar os resultados nos faz concluir sobre determinados procedimentos do fazer artístico. Como em todo processo de aprendizagem, podemos avaliar que alguns procedimentos podem ser modificados ou simplesmente suprimidos. No caso da disciplina “Tópicos de Arte, Cultura e Museus” avaliamos que seria interessante se pudessemos ter aplicado o plano originalmente concebido que era de um curso com 18 aulas. No formato original, acreditamos que poderíamos abordar outros conteúdos que seriam ricos do ponto de vista de conhecimento cultural, mas também efetuar outras oficinas práticas de atividades artísticas. No entanto, o resultado final não foi prejudicado pelo corte das aulas e ficamos satisfeitos com as produções realizadas pelos alunos. E, esperamos que a metodologia utilizada possa servir para inspirar trabalhos sobre ensino de artes visuais, tendo ou não como público escolhido, a terceira idade.

5. Referências

ARCHER, Michael. *Arte Contemporânea: uma história concisa*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ARRUDA, Ivan Eduardo de Abreu. Reflexões sobre o idoso e o programa Universidade da Terceira Idade. *RBCEH*, Passo Fundo, v. 4, n. 2, p. 94-113, jul./dez. 2007

Arte Pop. Enciclopédia Itaú Cultural. Disponível em: http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=termos_texto&cd_verbete=367 Acesso em 29/04/2014.

BARBOSA, Ana Mae (org). *Arte/Educação contemporânea: consequências internacionais*. São Paulo: Cortez, 2005.

BARBOSA, Ana Mae. *Inquietações e mudanças no ensino da arte*. São Paulo: Cortez, 2012.

BARBOSA, Ana Mae. *A imagem no Ensino de Arte. Anos oitenta e novos tempos*. 6ª Ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica. In: *Magia e técnica, arte e política*. Obras escolhidas vol.1. 7 ed. São Paulo, Brasiliense, 1994. P. 165-197.

Dadaísmo. Enciclopédia Itaú Cultural. Disponível em: http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=termos_texto&cd_verbete=3651 Acesso em 29/04/2014.

LÉVY, Pierre. *O que é virtual?* São Paulo: Editora 34, 1996.

MALRAUX, André. *O museu imaginário*. Lisboa: Edições 70, 2000. (Arte & Comunicação, 70).

MARTINS, Mirian Celeste. Aquecendo uma transformação: atitudes e valores no ensino de Arte. In: BARBOSA, Ana Mae (org.). *Inquietações e mudanças no ensino da Arte*. São Paulo: Cortez Editora, 2012. pp. 52-65.

NANÔ, Fabiana. O número de idosos dobrou nos últimos 20 anos no Brasil, aponta IBGE. UOL. Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2012/09/21/numero-de-idosos-com-mais-de-60-anos-dobrou-nos-ultimos-20-anos-aponta-ibge.htm>. Acesso em 21/06/2015.

ORDONEZ, Tiago Nascimento; CACHIONI, Meire. Universidade aberta à terceira idade: a experiência da Escola de Artes, Ciências e Humanidades. *RBCEH*, Passo Fundo, v. 6, n. 1, p. 74-86, jan./abr. 2009.:

<http://www.upf.edu.br/seer/index.php/rbceh/article/viewFile/150/482>. Acesso em 24/09/2014.

6. Anexos

Anexo 1

Questionário para avaliação do ensino de artes visuais para idosos

Caracterização do público

1. Idade: _____
2. Turma na FaMldade _____
3. Sexo: () feminino () masculino
4. Estado civil
() solteiro () casado/união de fato () viúvo () separado/divorciado
5. Grau de instrução:
() primário incompleto
() primário completo
() ginásio incompleto
() ginásio completo
() segundo grau incompleto
() segundo grau completo
() ensino superior incompleto
() ensino superior completo
6. Em que bairro mora? _____
7. Renda pessoal:
() até 1 salário mínimo
() de 1 a 3 salários mínimos
() de 3 a 5 salários mínimos
() 5 a 10 salários mínimos
() acima de 10 salários mínimos
8. Com quem você mora atualmente? _____

Sobre o curso

1. Você já fez algum curso de história da arte ou de artes visuais anteriormente? Se responder sim, escreva o nome do curso
Sim () Qual/quais: _____ Não ()

2. Em relação à disciplina “Tópicos de Arte, Cultura e Museus”, o que você pode afirmar:
() não gostei
() gostei
() gostei muito

3. O que você mais gostou?
() aulas teóricas
() fazer a minha própria intervenção na Mona Lisa
() fazer o meu museu imaginário
() outros _____

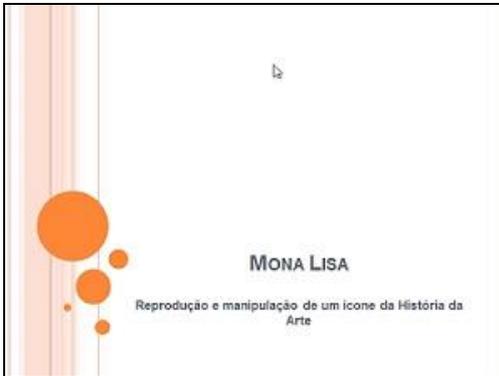
4. Você gostaria de ter mais aulas sobre arte?
() sim
() não

5. O que você aprendeu no curso?

6. O que é arte para você?

Anexo 2

Material de apresentação sobre a Mona Lisa



MONA LISA

- O quadro Mona Lisa foi pintado pelo pintor italiano Leonardo da Vinci. É conhecido também pelo nome de "La Gioconda".
- O retrato é atribuído a Lisa Gherardini, esposa de Francesco del Giocondo. Retrata uma mulher com uma paisagem da Lombardia ao fundo. Acredita-se que tenha sido pintado entre 1503 e 1506, embora Da Vinci possa ter continuado a trabalhar nele em 1517. Foi adquirida pelo rei François I da França e é propriedade da República Francesa, em exposição permanente no Museu do Louvre, em Paris desde 1797.
- Foi aclamado como o mais conhecido, o mais visitado, o mais escrito sobre, o mais cantado, o trabalho mais parodiado de arte do mundo.

MONA LISA

- Quadro original exposto no Museu do Louvre, em Paris.
- Roubado por um funcionário do Museu, em 1911.



MONA LISA

- Louvre



MANIPULAÇÕES DA MONA LISA

- Categorias de manipulações
 - Releituras de outros artistas
 - Alterações na aparência
 - Alterações no contexto
 - Outras leituras / outros contextos
 - Replicações
 - Grafismos
 - Associações com outros personagens
 - Associações com outras obras de arte

ORIGEM DAS MANIPULAÇÕES

- Pintado provavelmente por um dos pupilos de Leonardo da Vinci no mesmo período de produção da Mona Lisa: Andrea Salai (amante de Leonardo) ou Francesco Melzi.
- Encontra-se no Museu do Prado, Madri



ORIGEM DAS MANIPULAÇÕES

- Realizado pelo artista plástico francês Eugène Bataille em 1887.
- "Mona Lisa fumando cachimbo"
- Ilustração de Eugène Bataille para a Revista "Le Rire"



ORIGEM DAS MANIPULAÇÕES

- Realizado pelo artista plástico francês Marcel Duchamp em 1919.
- Entre os mais famosos ready-mades está L.H.O.O.Q. que, em francês quando lido, assemelha-se com *Elle a chaud au cul* que ao ser traduzido seria a seguinte frase: "Ela tem fogo no rabo".
- Trata-se de um retrato da Mona Lisa ao qual Marcel Duchamp acrescentou bigode e cavanhaque.



RELEITURAS DE OUTROS ARTISTAS

- Andy Warhol



RELEITURAS DE OUTROS ARTISTAS

- Andy Warhol



RELEITURAS DE OUTROS ARTISTAS

- Andy Warhol



RELEITURAS DE OUTROS ARTISTAS

- Salvador Dali



RELEITURAS DE OUTROS ARTISTAS

- Nelson Leirner (2012)



RELEITURAS DE OUTROS ARTISTAS

- Jean Ache



RELEITURAS DE OUTROS ARTISTAS

- o Mauricio de Souza

Original: **Mona Lisa**
Cópia: **Mônica Lisa**

RELEITURAS DE OUTROS ARTISTAS

José Morillo

Pablo Picasso

RELEITURAS DE OUTROS ARTISTAS

- o Fernando Botero (1978)
Mona Lisa obesa
- o "Minha Mona Lisa não é a de Leonardo Da Vinci. Pode-se usar um mesmo tema e criar um quadro totalmente diferente. Aí reside a verdadeira originalidade, tomar emprestados personagens que todos já tenham feito e fazê-los de maneira diferente".
Fernando Botero

ALTERAÇÕES NA APARÊNCIA

ALTERAÇÕES NA APARÊNCIA

ALTERAÇÕES NA APARÊNCIA

ALTERAÇÕES NO CONTEXTO

Bad Hair Day.....

ALTERAÇÕES NO CONTEXTO

OUTROS CONTEXTOS / OUTRAS LEITURAS



OUTROS CONTEXTOS / OUTRAS LEITURAS



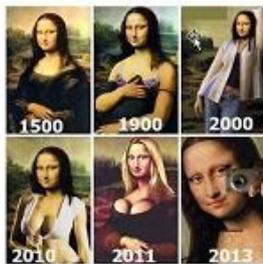
OUTROS CONTEXTOS / OUTRAS LEITURAS



REPLICAÇÕES



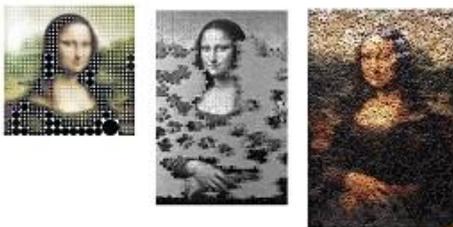
REPLICAÇÕES



GRAFISMOS



GRAFISMOS



GRAFISMOS



ASSOCIAÇÃO COM OUTROS PERSONAGENS

- o Carmem Miranda



ASSOCIAÇÃO COM OUTROS PERSONAGENS

- o Mister Bean



ASSOCIAÇÃO COM OUTROS PERSONAGENS

- o Uma Thurman (Pulp Fiction)



ASSOCIAÇÃO COM OUTRAS OBRAS DE ARTE

- o Van Gogh
Noite Estrelada



ASSOCIAÇÃO COM OUTRAS OBRAS DE ARTE

- o Jan Vermeer
Moça com brinco de pérola

